

A Produção do Conhecimento Geográfico

2

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-79-6
DOI 10.22533/at.ed.796181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*A Produção Do Conhecimento Geográfico*” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 22 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase nos movimentos sociais.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como planejamento, gestão, inclusão, mobilidade.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a migração, imigração, movimentos sociais. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

TERRITÓRIO E MOVIMENTOS SOCIAIS

CAPÍTULO 1	1
ATIVIDADES CRIATIVAS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: MÚSICA, TERRITÓRIO E CRIATIVIDADE EM TATUÍ-SP	
<i>Gustavo da Silva Diniz</i> <i>Auro Aparecido Mendes</i>	
CAPÍTULO 2	11
ESCOLAS OCUPADAS: CIDADANIA, PODER E TERRITÓRIO	
<i>Rafael Sá Rego de Azevedo</i>	
CAPÍTULO 3	43
ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL: ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS OU SISTEMAS TERRITORIAIS DE PRODUÇÃO?	
<i>Mariano de Matos Macedo</i> <i>Wilhelm Milward Meiners</i>	
CAPÍTULO 4	53
GANGUE E TERRITORIALIDADES: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DE PROCESSOS SOCIAIS E ESPAÇOS ENVOLVIDOS NA AÇÃO DE GANGUE EM MINAS GERAIS	
<i>Antônio Hot Pereira de Faria</i> <i>Diego Filipe Cordeiro Alves</i> <i>Alexandre Magno Alves Diniz</i> <i>Tomás Hilário Cardoso Ferreira</i>	
CAPÍTULO 5	68
O DESCOROAMENTO DA PRINCESA DO SERTÃO: DE “CHÃO” A TERRITÓRIO, O “VAZIO” NO PROCESSO DA VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO	
<i>Nacelice Barbosa Freitas</i>	
CAPÍTULO 6	79
TERRITÓRIO E SAÚDE: REFLETINDO A REALIDADE AMAZÔNICA	
<i>Layla de Cassia Bezerra Bagata Menezes</i> <i>Edna Ferreira Coelho Galvão</i>	
CAPÍTULO 7	89
A IMIGRAÇÃO BOLIVIANA NO BRASIL: UM OLHAR ALÉM DE SÃO PAULO	
<i>Romerito Valeriano da Silva</i> <i>Daniela Martins Cunha</i>	
CAPÍTULO 8	101
MIGRAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIO: OS DESCENDENTES DE POLONESES E UCRANIANOS NA ZONA DA MATA RONDONIENSE	
<i>Jania Maria de Paula</i>	

CAPÍTULO 9	110
REDES DA MIGRAÇÃO HAITIANA NO MATO GROSSO DO SUL <i>Alex Dias de Jesus</i>	
CAPÍTULO 10	120
TRABALHO E MIGRAÇÃO: ANÁLISES SOBRE A POPULAÇÃO OCUPADA NO SETOR CALÇADISTA DO MUNICÍPIO DE NOVA SERRANA-MG <i>Luís Henrique Silva Ferreira</i> <i>Andressa Virgínia de Faria</i> <i>André Francisco de Brito Leite</i>	
CAPÍTULO 11	136
A TEORIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DA CERVEJA NO BRASIL: A MATRIZ METODOLÓGICA COMO INSTRUMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS DE MAIOR PRODUÇÃO CERVEJEIRA NO BRASIL <i>Eduardo Fernandes Marcusso</i>	
CAPÍTULO 12	147
EFEITOS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA E ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA SOBRE A MORTALIDADE INFANTIL NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO PARA DADOS EM PAINEL <i>Everlane Suane de Araújo da Silva</i> <i>Neir Antunes Paes</i>	
CAPÍTULO 13	157
GEOGRAFIA E ARTE: REPRESENTAÇÕES EM ALGUMAS PAISAGENS CABRALINAS <i>José Elías Pinheiro Neto</i> <i>Lara Ferraz Rocha Pacheco</i>	
CAPÍTULO 14	167
GESTÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA EM FRONTEIRA COMO PROGRAMA DE ESTADO E A INTERDEPENDÊNCIA DE ATORES <i>Sergio Flores de Campos</i>	
CAPÍTULO 15	179
MEMÓRIA, CULTURA E RESILIÊNCIA NA COMPREENSÃO DA PAISAGEM DO PAMPA: CONTRIBUIÇÃO PARA UMA GEOGRAFIA INTEGRADORA <i>Adriano Severo Figueiró</i>	
CAPÍTULO 16	195
PATRIMÔNIO MUNDIAL DA UNESCO NO BRASIL: O CASO DAS ILHAS OCEÂNICAS DE FERNANDO DE NORONHA E ATOL DAS ROCAS <i>Vanda de Claudino-Sales</i>	
CAPÍTULO 17	206
UMA VIAGEM PELAS TERRAS DO SEM FIM EM BUSCA DA GEOGRAFICIDADE DA OBRA DE JORGE AMADO <i>Rita de Cássia Evangelista dos Santos</i>	

CAPÍTULO 18	216
PARENTALIDADES JOVENS, INVISÍVEIS E EXCLUÍDAS NO CENÁRIO DO “PRISON BOOM” BRASILEIRO: CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS DA POPULAÇÃO DE PAIS E MÃES ENCARCERADOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, BRASIL – 2014	
<i>Rafael Andrés Urrego Posada</i>	
<i>Maria Carolina Tomás</i>	
<i>Dimitri Fazito de Almeida Rezende</i>	
CAPÍTULO 19	230
ENSAIO SOBRE A ARCHÉ GEOGRÁFICA SOTEROPOLITANA	
<i>Daniel de Albuquerque Ribeiro</i>	
CAPÍTULO 20	240
NO MOVIMENTOS DAS REDES, NAS REDES DE MOVIMENTOS E OS MOVIMENTOS NAS REDES: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIOESPACIAIS E MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS CAMPONESES E URBANOS NO BRASIL E NA ARGENTINA	
<i>José Sobreiro Filho</i>	
CAPÍTULO 21	251
O LEGADO DOS MILAGRES DE SANTA PAULINA: A INTERRELAÇÃO E CONEXÃO RELIGIOSA DOS MUNICÍPIOS CATARINENSES DE NOVA TRENTO E IMBITUBA CONSTRUINDO UM OLHAR PELA FENOMENOLOGIA	
<i>Natália Carolina de Oliveira Vaz</i>	
<i>Sylvio Fausto Gil Filho</i>	
CAPÍTULO 22	262
O SOM DA VIOLA “INVOCANO” UM SENTIMENTO TOPOFÍLICO CAIPIRA	
<i>Denis Rilk Malaquias</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	273

GANGUE E TERRITORIALIDADES: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DE PROCESSOS SOCIAIS E ESPAÇOS ENVOLVIDOS NA AÇÃO DE GANGUE EM MINAS GERAIS

Antônio Hot Pereira de Faria

Doutor em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Oficial da Polícia Militar de Minas Gerais. Mestre em Administração. Bacharel em Ciências Militares – área de Defesa Social pela Academia de Polícia Militar de Minas Gerais. Graduado em Química pela Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte – Minas Gerais

Diego Filipe Cordeiro Alves

Doutorando e Mestre em Geografia e pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista CAPES.
Belo Horizonte – Minas Gerais

Alexandre Magno Alves Diniz

PhD in Geography, Professor Adjunto IV - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Belo Horizonte – Minas Gerais

Tomás Hilário Cardoso Ferreira

Especialista em Inteligência de Segurança Pública e Cenários Prospectivos de Criminalidade pela Academia de Polícia Militar de Minas Gerais. Bacharel em Ciências Militares – área de Defesa Social pela Academia de Polícia Militar de Minas Gerais e Graduado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais.
Belo Horizonte – Minas Gerais

vinte e dois municípios mineiros no período de 2006 a 2014 por gangue originada em aglomerado subnormal de Belo Horizonte, especializada em crimes contra o patrimônio, com destaque para o furto e roubo a residência. O método de pesquisa empregado foi o estudo de caso e contou com a análise espacial de dados oriundos de documentação indireta, boletins de ocorrência registrados pela Polícia Militar de Minas Gerais com prisão de autores pertencentes à mesma gangue. Os resultados demonstram a concentração espacial da moradia de autores, a conexão entre autores para a prática de delitos e a distribuição espacial por tipologia de crime. Foi possível identificar diferentes territorialidades da gangue, basicamente um espaço de reunião e ponto de partida e outro de campo de ação, com territórios descontínuos, diferentes para cada tipologia criminal. Os resultados contribuem com dados empíricos que descrevem processos sociais e os espaços envolvidos no campo de ação e das relações sociais entre membros de grupos dedicados à prática de delitos e revelam configurações socioespaciais da atuação de gangues.

PALAVRAS-CHAVE: gangue; crime; territorialidade; análise espacial.

RESUMO: O artigo traz uma abordagem da distribuição espacial dos crimes cometidos em

ABSTRACT: The paper presents an approach of spatial distribution of crimes committed

in twenty-two cities of Minas Gerais in the period 2006-2014 by gang originated in a slum of Belo Horizonte, specialized in crimes against property, mainly theft and residence theft. The research method used was the case study and included the spatial analysis of data from indirect documentation, police reports recorded by the Military Police of Minas Gerais with arrest of authors belonging to the same gang. The results demonstrate the spatial concentration of author's addresses, the connection between authors for commit crimes and the spatial distribution by type of crime. The results contribute with empirical data that describe social processes and the space involved in the field of social relations and action between members of groups dedicated to the criminal practice, revealing socio-spatial configurations

KEY-WORDS: gang; crime; territoriality; spacial analysis.

1 | INTRODUÇÃO

Nos últimos anos diversos estudos têm sido elaborados com investigações sobre a concentração de crimes em áreas específicas inseridas no ambiente urbano, em especial dos homicídios em aglomerados subnormais e suas relações com gangues de jovens.

Especificamente em Belo Horizonte há diversas pesquisas sobre o assunto, com abordagens da concentração espacial de homicídios, relacionamento dos delitos ao tráfico de drogas (BEATO FILHO, *et al.*, 2001; BEATO FILHO, 2003) e relações com atuação de gangues (ZILLI, 2011).

Entretanto poucos esforços foram direcionados à análise espacial dos diversos fenômenos criminais, distribuição dos componentes com os respectivos processos sociais e os espaços envolvidos no campo de ação e das relações sociais entre membros de grupos dedicados à prática de delitos. No mesmo sentido, pouco ou nada foi estudado acerca das áreas de atuação das gangues e suas especialidades ou nichos de atuação, considerando um leque maior de modalidades de crimes.

A partir dessa percepção e no intuito de contribuir para as discussões sobre a atuação de gangues, percebe-se que a geografia tem papel importante para a análise do crime, pois os geógrafos aplicam técnicas de estatística espacial, que contribuem para a compreensão da estruturação e do rearranjo espacial da criminalidade (BATELLA; DINIZ, 2006), muito úteis ao conhecimento acadêmico, bem como para planejamento e implementação de políticas públicas para prevenção, controle e combate ao crime e à violência. No mesmo viés, Félix (1996, 2002), em estudos de geografia do crime, afirma que certas manifestações espaciais são similares, o que facilita a aplicação de estratégias preventivas.

O presente estudo tem como objetivo central a identificação de aspectos do campo de ação da gangue e revelar a distribuição espacial do crime e da violência, a partir da análise de um caso individual de atuação de gangue oriunda de um aglomerado em Belo Horizonte denominado Alto Vera Cruz, com dados da procedência de cada

integrante e da localização dos delitos cometidos por cada membro ou grupo de membros.

A justificativa do estudo reside no entendimento da organização da criminalidade, uma questão muito pesquisada e discutida, tematizada implicitamente no presente estudo, e sua conformação espacial, a fim de contribuir com dados empíricos para o entendimento da organização da violência criminal no espaço urbano e suas territorialidades.

2 | GANGUE E TERRITORIALIDADES

2.1 Breves considerações teóricas sobre gangues

Diversos esforços acadêmicos já foram empreendidos no intuito de explicar a formação, estrutura e comportamento de gangues. A posição estrutural de classe foi a primeira explicação que se procurou dar para a formação de gangues por jovens envolvidos com comportamentos delinquentes, provenientes de classes mais baixas (ASHBURY, 1927; THRASHER, 1963; ZORBAUGH, 1929).

Em trabalho clássico *The Gang* publicado em 1927, Thrasher considera gangues não como fruto de determinadas comunidades, ou produzida pela dinâmica do crime organizado, mas que se relacionam com esses aspectos.

A gangue é um grupo intersticial que se forma, originalmente, de maneira espontânea, e depois integrada por meio de conflito. Caracteriza-se pelos seguintes tipos de comportamento: encontros hostis, perambulações, deslocamentos em grupo, conflitos e planejamento. O resultado desse comportamento coletivo é o desenvolvimento da tradição, estrutura interna irrefletida, *esprit de corps*, moral, solidariedade, consciência de grupo, e o apego a um território local (THRASHER, 1963, p. 46).

No trabalho de Thrasher (1963) sobre as gangues de Chicago destacam-se duas características fundamentais: as gangues são espaços de transição ocupados por membros entre a infância e a vida adulta e que estão presentes em áreas da cidade marcadas como zonas de passagem caracterizadas por sua desorganização, deterioração e alta mobilidade (ROCHA, 2012).

Klein (2006) retoma a definição de Thrasher e propõe um conceito mais abrangente. Para Klein (2006) uma gangue juvenil é qualquer grupo de adolescentes que são considerados uma agregação distinta por outros ocupantes da mesma vizinhança, se reconhecem como um grupo distinto por seus próprios membros e estiveram envolvidos em um número suficiente de incidentes ilegais (KLEIN; MAXSON, 2006, p. 6).

Sánchez-Jankowski (1997, p. 27) critica a maior parte das pesquisas norte-americanas que tendem a definir as gangues com base em três pressupostos: associação fracamente estruturada de indivíduos; predominância em atos delituosos ou crimes de natureza econômica ou violentos; atuação numa base territorial.

Para Sánchez-Jankowski (1997) a melhor definição para gangue é

[...] um sistema social organizado que é ao mesmo tempo quase privado (isto é, não totalmente aberto ao público) e quase secreto (isto é, a maior parte das informações sobre suas atividades permanece restrita ao grupo), cujo tamanho e objetivos tornam indispensável que a interação social seja dirigida por uma estrutura de liderança com papéis bem definidos; em que a autoridade ligada a esses papéis é tão legitimada que os códigos sociais regulam tanto o comportamento dos líderes quanto o das bases; que planeja e provê não somente serviços econômicos e sociais para seus membros quanto sua própria manutenção como organização; que persegue esses objetivos a respeito da legalidade ou ilegalidade das atividades e que não tem uma burocracia (isto é, um pessoal administrativo hierarquicamente organizado e distinto da liderança) (SÁNCHEZ-JANKOWSI, 1991, 1997).

Ainda para o autor, a gangue deve ser entendida por uma reunião de indivíduos que são produto da sociedade e que surgem como uma resposta específica a uma condição socioeconômica peculiar.

Ao que interessa para o presente estudo, o aspecto da territorialidade segundo Sánchez-Jankowski está relacionado não à sua integração ao território, mas ao território utilizado como base e também aos territórios associados ao “mercado”, alvo da ação dos componentes, comumente apontados pela literatura como ligados ao comércio de drogas.

Com relação às características dos atos criminais praticados, frequentemente relacionados à prática de violência, têm-se segundo Sánchez-Jankowski (1997) como fontes da estrutura da violência basicamente três condições estruturais:

- a. a primeira refere-se à situação socioeconômica dos integrantes do grupo, ou seja, considerando que as gangues emergem de locais de baixa renda, os escassos recursos disponíveis são disputados de maneira agressiva, o que gera violência;
- b. a segunda condição estrutural relaciona-se aos próprios códigos de conduta internos da organização dos grupos, que definem o tipo e volume de força que deve ser empregado em cada tipo de situação; e
- c. a terceira condição tem a ver com a estrutura do mercado econômico em que atua a gangue, considerando que esses mercados (normalmente relacionados ao comércio de drogas) não possuem agente regulador externo e que o objetivo da gangue ocorre conforme o comportamento de uma organização capitalista, que visa implementar controle monopolista dos diversos produtos e de sua distribuição para os mercados consumidores, a forma de superar a concorrência se dá por meio da força física.

Assim, para o trabalho em tela, pretende-se identificar as características das condutas delitivas praticadas, se estão ou não relacionadas à violência e sua relação com os campos de ação (territórios) e com o tipo de “mercado” praticado.

2.2 Território e territorialidades

O estudo do território, em que pese consistir uma tradição do pensamento geográfico nos últimos 100 anos, apresenta-se como um conceito em construção,

principalmente nos últimos 20 anos, quando assumiu um sentido mais amplo para abranger questões pertinentes ao controle físico ou simbólico de determinada área (VALVERDE, 2004).

O território passou a assumir uma conotação imaterial, intangível, em que as relações de poder podem ser criadas e desfeitas facilmente, com duração efêmera e nem mesmo a deixar marcas na paisagem, o que descaracteriza a conotação essencialmente material, que representava a conjugação do solo e de seu povo, que outrora possuíra na perspectiva ratzeliana (SOUZA, 2009).

Em relação às relações de poder, não apenas em sua acepção política, o território diz respeito ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação (HAESBAERT, 2007).

Segundo Sposito (2009), a retomada da importância do conceito na Geografia e em outros campos disciplinares, tanto quanto o aprofundamento da reflexão sobre ele, potencializando e diversificando seu uso, a partir de diferentes perspectivas de método e para diversos objetos de pesquisa.

Segundo Saquet (2009), um dos autores que tem se destacado em nível internacional nas pesquisas sobre os conceitos de território e territorialidade é Robert David Sack. Para Sack, citado por Saquet (2009, p. 86)

[...] a territorialidade corresponde às ações humanas, ou seja, à tentativa de um indivíduo ou grupo para controlar, influenciar ou afetar objetos, pessoas ou relações numa área delimitada. Esta área é o território e, para Robert Sack, pode acontecer que ocorra o não-território, onde não há delimitação e efetivação de relações de controle e influência por certa autoridade.

Ainda, segundo Saquet (2009), há territórios e territorialidades sobrepostos e em redes e são múltiplos, históricos e relacionais. Na visão do autor, há rompimento das delimitações e áreas; sobreposições; uma miríade de atores e redes sociais; movimento *do* e *no* território; movimento entre os territórios; transtemporalidade e transescalaridade; unidade entre sociedade e natureza. Nesse processo, o homem possui papel central na efetivação dos territórios e territorialidades.

Para este trabalho, o estudo do território e das territorialidades possui especial relevância para a análise do campo de ação e de dominação (ou apropriação) do espaço pela gangue.

Em estudos de territorialidade e criminalidade, alguns trabalhos apontam para a territorialização de favelas por parte do tráfico de drogas, considerando que esses espaços socialmente segregados apresentam-se como pontos de apoio logístico para o tráfico de drogas de varejo (SOUZA, *on-line*).

Souza (*on-line*) em estudos realizados em favelas do Rio de Janeiro considera que a favela não representa um espaço de “caos” e desordem, mas sim um território submetido a um poder ordenador (SOUZA, 1994; 1995; 1996). Segundo o autor, o aspecto mais espetacular associado à favelização no Rio de Janeiro reside na territorialização de favelas por parte do tráfico de drogas.

Desta forma foram considerados nesta pesquisa aspectos de territorialidade descritos por Saquet (2009), a fim de identificar se há, no caso do estudo de uma gangue especificamente, uma territorialidade bem definida, com delimitação espacial do campo de ação dos componentes, enquanto área de instalação e atuação, considerando que para o estudo em andamento, há uma diversidade do nicho de atuação para além do crime de tráfico de drogas, já abordado em alguns trabalhos, bem como para o caso de homicídios.

3 | CONTEXTO GEOGRÁFICO – A BASE TERRITORIAL: ALTO VERA CRUZ

O bairro Alto Vera Cruz, localizado na região leste de Belo Horizonte, foi criado onde existiam fazendas. Com o término da mineração, por volta da década de 1950, iniciou-se um processo de intensificação da ocupação da área, que até então não proporcionava uma infraestrutura mínima necessária. O auge do povoamento na região ocorreu na década de 1960, com a ocupação dos lotes por trabalhadores, na maioria advinda da construção civil. No período, motivada pela pressão populacional, falta de moradia e pelo movimento dos sem casa, se inicia a história de ocupação do Alto Vera Cruz.

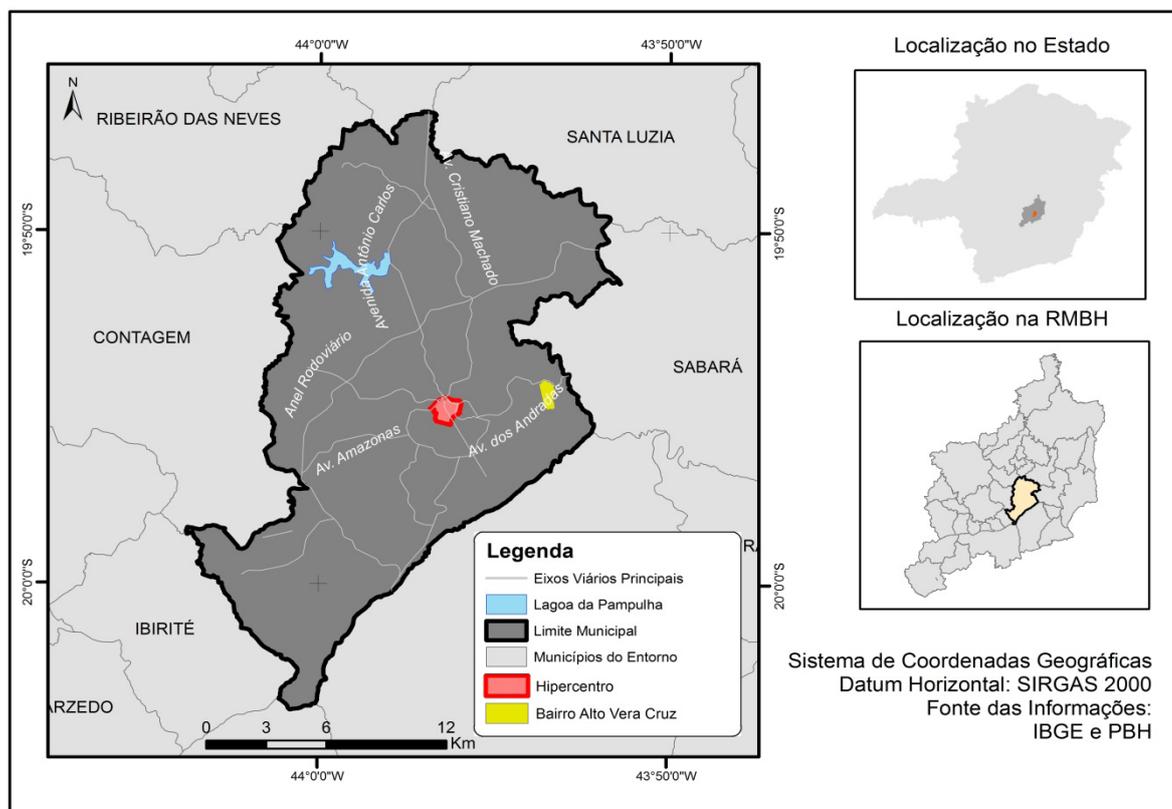


Figura 1: Mapa de localização do bairro Alto Vera Cruz – Belo Horizonte.

Fonte: Elaborado pelos autores.

O bairro, conforme dados do Censo 2010, possui população residente de 21.459 habitantes, distribuídos em 6.590 domicílios, com média de 3,5 moradores por

domicílio. A população conta com 5.343 jovens (0 a 14 anos), ou 24,9% da população total e 1.438 idosos (mais de 65 anos), ou 6,7% da população total.

Em termos da paisagem, o bairro se caracteriza por aglomerados de becos que possuem um caráter de vila. Em alguns locais, o acesso é restrito aos pedestres e as casas estão assentadas de maneira irregular ao longo dos caminhos. Os becos são pavimentados e possuem iluminação pública em sua maioria. Devido à topografia acidentada, existem vários becos com trechos em escadarias, o que restringe o acesso de veículos, bicicletas, etc. dificultando o deslocamento da população.

Dentro das áreas de becos, a taxa de ocupação é bastante elevada, existindo poucos espaços vazios. De uma maneira geral, os becos são iluminados e arejados, existindo alguns mais ou menos confinados. Nos locais mais altos as visadas se abrem para o entorno, propiciando vistas panorâmicas da paisagem natural, bairros vizinhos e da cidade.

4 | MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa possui caráter exploratório e descritivo, com abordagem predominantemente dedutiva. Foi utilizado neste trabalho o estudo de caso, considerando que se buscou por meio da análise de um caso individual, abarcar dados empíricos que pudessem contribuir com a área de estudo.

Para se atingir os objetivos da pesquisa, o caminho percorrido foi dividido em duas etapas: primeiramente, buscou-se analisar os vínculos entre os indivíduos, a fim de configurar o agrupamento de sujeitos como componentes de uma mesma gangue e a configuração espacial da rede de relacionamentos; posteriormente buscou-se analisar as características e distribuição dos delitos cometidos na busca de padrões espaciais.

O ponto de partida para delimitação do estudo foi a identificação de gangues pelo envolvimento em eventos criminais no local de estudo, a partir da delimitação espacial das ocorrências e da moradia dos agentes envolvidos. O instrumental de pesquisa contou com a análise de documentação indireta - Registros de Evento de Defesa Social (REDS), que são os boletins de ocorrência registrados pela Polícia Militar de Minas Gerais -, com prisão de autores pertencentes à mesma gangue. O recorte de eventos criminais utilizado desconsiderou os crimes de menor potencial ofensivo, previstos na Lei 9099 de 26 de setembro de 1995 (BRASIL, 1990).

O mapeamento dos locais de moradia dos autores de crimes e dos eventos criminais foi realizado utilizando-se o software *ArcGis* versão 10.0. A partir dos locais de residência foi calculado o centro médio da gangue para permitir a análise da configuração espacial. Essa análise buscou a identificação de padrões espaciais da distribuição dos eventos, com relação a aspectos de territorialidade e área de atuação.

5 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

As 225 ocorrências estudadas totalizam 371 participações e coparticipações de 130 agentes, o que demonstra a prática reiterada de crimes e a coparticipação na prática dos delitos.

A grande maioria dos indivíduos envolvidos em práticas delituosas (123 do total de 130) do recorte em estudo conecta-se entre si por pelo menos um vínculo. A partir dos relacionamentos entre os indivíduos, passou-se a identificar as configurações no espaço. Para tanto, foi realizado o mapeamento dos locais de residência constantes dos boletins de ocorrência com participação dos indivíduos.

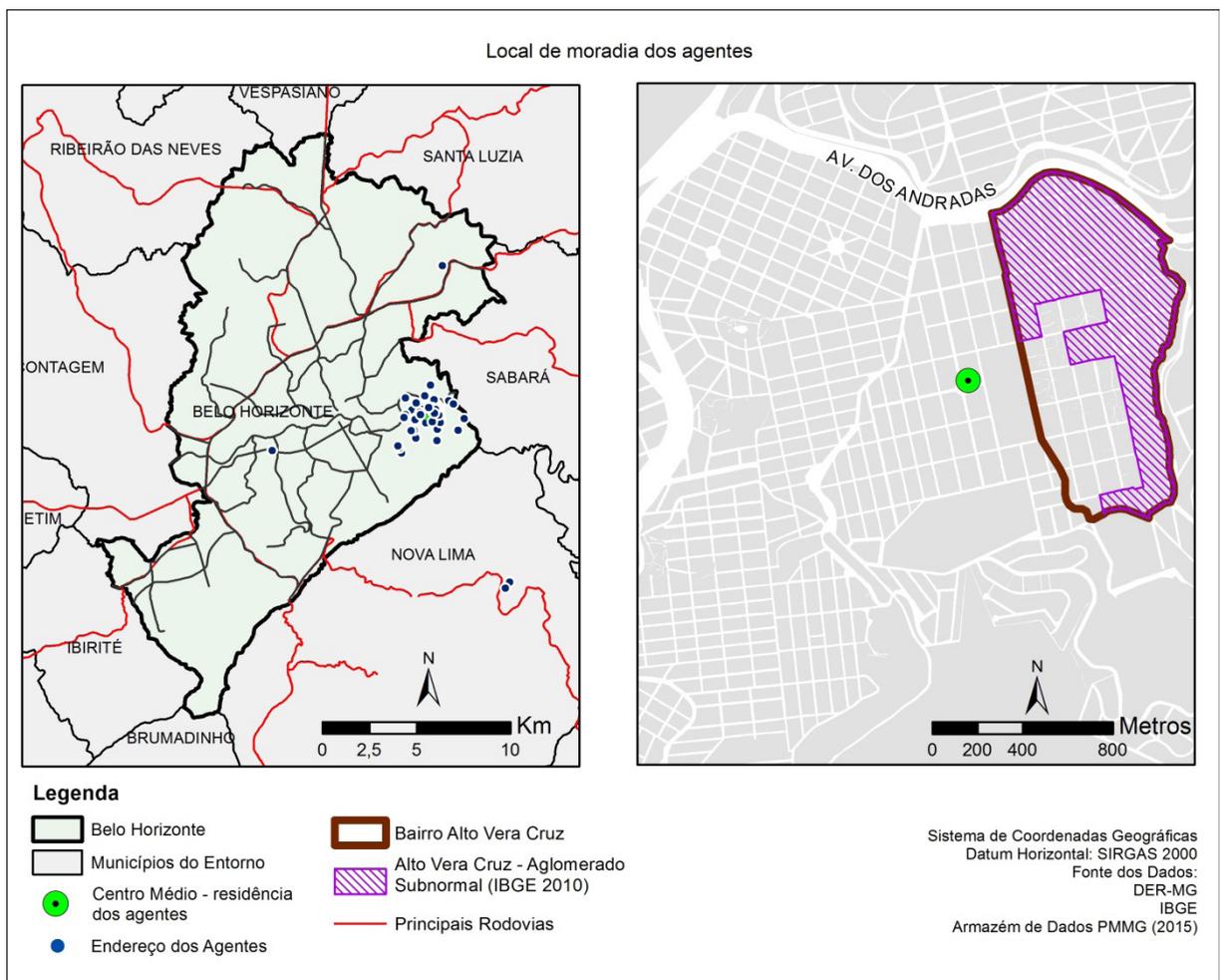


Figura 2: Mapa de localização da base territorial dos componentes da Gangue do Alto Vera Cruz.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Pelo mapa identifica-se a concentração de indivíduos no aglomerado subnormal Alto Vera Cruz e adjacências, sendo o centro médio de localização de indivíduos muito próximo ao aglomerado.

Em uma análise da distância de moradia dos componentes da gangue em relação ao centro médio, verifica-se que boa parte dos agentes (61 agentes ou 47%) reside numa distância de até 500 m em relação ao centro médio, apresentando uma grande densidade de indivíduos nas mesmas imediações. Considerando uma faixa de 500 m

a 1 km de distância em relação ao centro médio, tem-se 46 indivíduos (35% do total), o que concentra 82% do total de agentes em faixa de até 1 km do centro médio de suas residências. Somente 23 agentes moram em distância superior a 1 km do centro médio e, destes, apenas 4 a uma distância superior a 5 km. Dessa forma, observa-se que o centro médio representa de maneira satisfatória a base territorial da origem da gangue, já que a maioria dos agentes se concentra no mesmo espaço.

O centro médio representa o centro gravitacional geométrico espacial do conjunto de pontos dos locais de residência dos componentes da gangue e é um parâmetro para análise da dispersão dos crimes em relação à base da gangue.

Foi feita análise da distribuição dos crimes em relação ao centro médio da localização dos autores. O objetivo da verificação foi buscar padrões de distribuição espacial de crimes em relação ao centro, a fim de identificar a influência da distância do ponto de origem e característica das práticas realizadas.

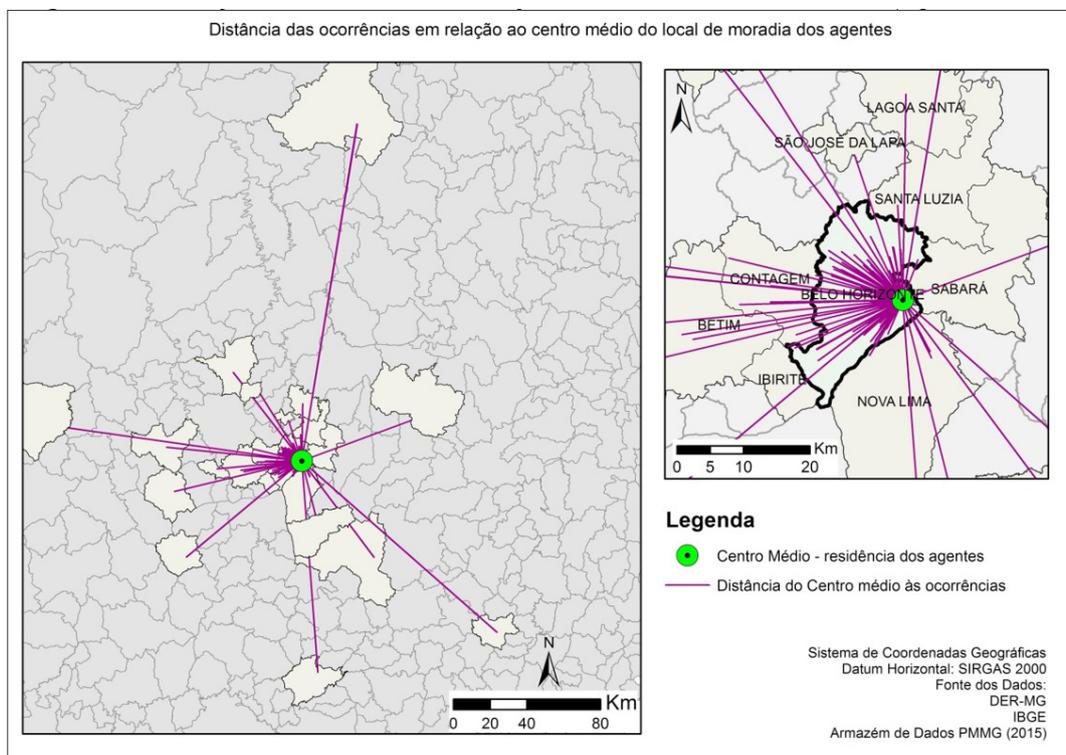


Figura 3: Distribuição das ocorrências em relação ao centro médio da moradia dos agentes.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os eventos ocorreram em Belo Horizonte e mais 21 municípios, dentro e fora da região metropolitana – Contagem, Betim, Nova Lima, Sabará, Santa Luzia, Ibirité, Esmeraldas, Lagoa Santa, Sete Lagoas, São José da Lapa, Capim Branco, Itabirito, Bom Despacho, Itabira, Itaúna, Itaguara, Diamantina, Pará de Minas, Viçosa, Carandaí e Juatuba. Por essa constatação é possível afirmar que não há um território único, bem definido e delimitado de atuação da gangue.

O mapa a seguir representa a distribuição espacial de crimes e anéis concêntricos em relação ao centro médio da gangue. A construção de *buffer* a partir do centro da gangue objetivou identificar a distribuição de eventos em relação à base territorial do

grupo e, a posteriori, quais características dos eventos em cada faixa de ação.

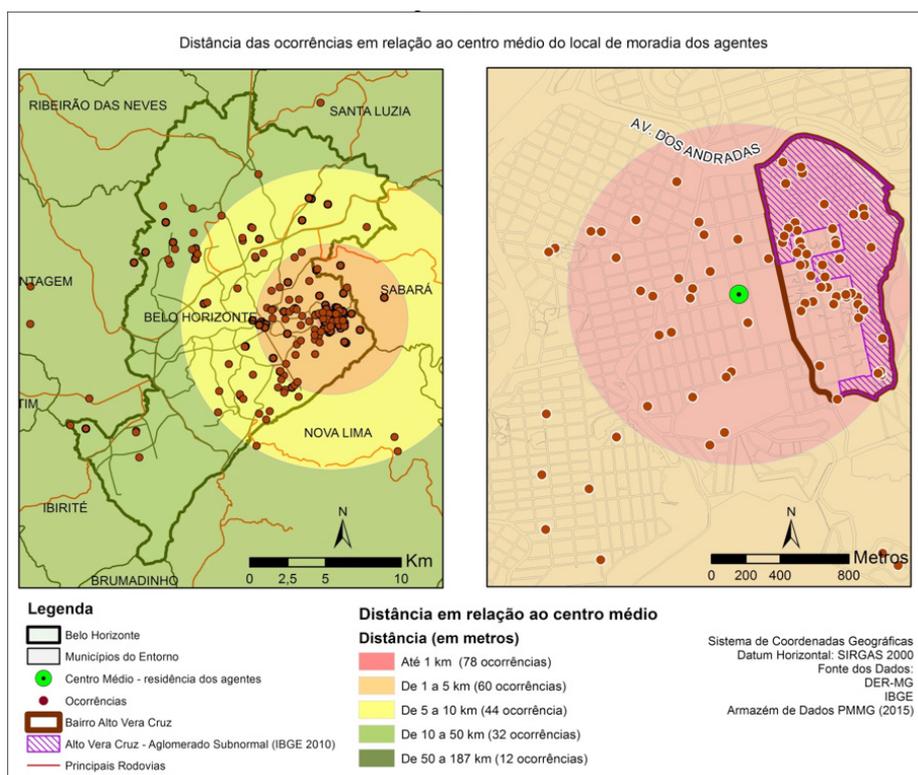


Figura 4: Distribuição espacial das ocorrências em relação ao centro médio da moradia dos agentes.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Pela contagem de eventos por área, verifica-se que 78 eventos (35%) ocorreram em até 1 km do centro médio da residência dos autores; 59 eventos (26%) entre 1 km e 5 km; 44 eventos (19%) entre 5 km e 10 km; 32 eventos (14%) de 10 a 50 km; 12 eventos (5%) de 50 a 187 km.

Assim, observou-se um adensamento de eventos nas proximidades do centro da gangue, não obstante o campo de ação ser muito extenso, variando de 147 metros a 187 km do centro médio. 61% dos eventos ocorreram em até 5 km do centro médio de residência dos autores. Verifica-se também que, quanto mais próximo do centro da gangue, maior o adensamento de ocorrências e quanto mais distante, mais esparsos os eventos, de maneira que não se pode observar padrões ou fazer previsões em relação ao local-alvo da atuação do grupo.

A partir da constatação da distribuição dos eventos no espaço, é imperiosa a investigação se há modalidades criminosas mais recorrentes em alguma das faixas de análise.

Primeiramente, verificam-se as modalidades criminosas praticadas pelos componentes da gangue, com quinze tipos penais e especialidades (objeto-alvo da ação): furto (a residência, a estabelecimento comercial, a transeunte); roubo (a residência, a estabelecimento comercial, a transeunte); receptação; extorsão; veículo clonado (receptação qualificada e adulteração de sinal identificador de veículo automotor); outras infrações contra o patrimônio; tráfico de drogas; porte ilegal de

arma de fogo; homicídio (tentado e consumado); resistência e sequestro e cárcere privado.

A tabela e o mapa a seguir contêm as modalidades criminosas por faixa do campo de ação

Modalidade criminosa	Faixa do campo de ação (km)					TOTAL	%
	Até 1	1 a 5	5 a 10	10 a 50	50 a 187		
Furto a residência	9	33	26	18	8	94	42%
Furto a estabelecimento comercial	0	3	0	1	0	4	2%
Furto a transeunte	0	1	0	0	0	1	0%
Roubo a residência	1	8	8	6	2	25	11%
Roubo a estabelecimento comercial	0	0	1	0	0	1	0%
Roubo a transeunte	1	4	0	1	0	6	3%
Receptação	10	2	0	0	0	12	5%
Extorsão	0	0	1	0	0	1	0%
Veículo clonado	4	0	0	0	1	5	2%
Outras infrações contra o patrimônio	0	0	2	0	0	2	1%
Tráfico de drogas	36	4	0	4	1	45	20%
Porte ilegal de arma de fogo	9	4	3	2	0	18	8%
Homicídio (tentado e consumado)	6	0	3	0	0	9	4%
Resistência	1	0	0	0	0	1	0%
Sequestro e Cárcere Privado	1	0	0	0	0	1	0%
TOTAL	78	59	44	32	12	225	100%

Tabela 1: Modalidades criminosas por área de ação – Belo Horizonte (2006 a 2014)

Fonte: Dados da Pesquisa.

Os dados contidos na tabela foram representados no mapa a seguir:

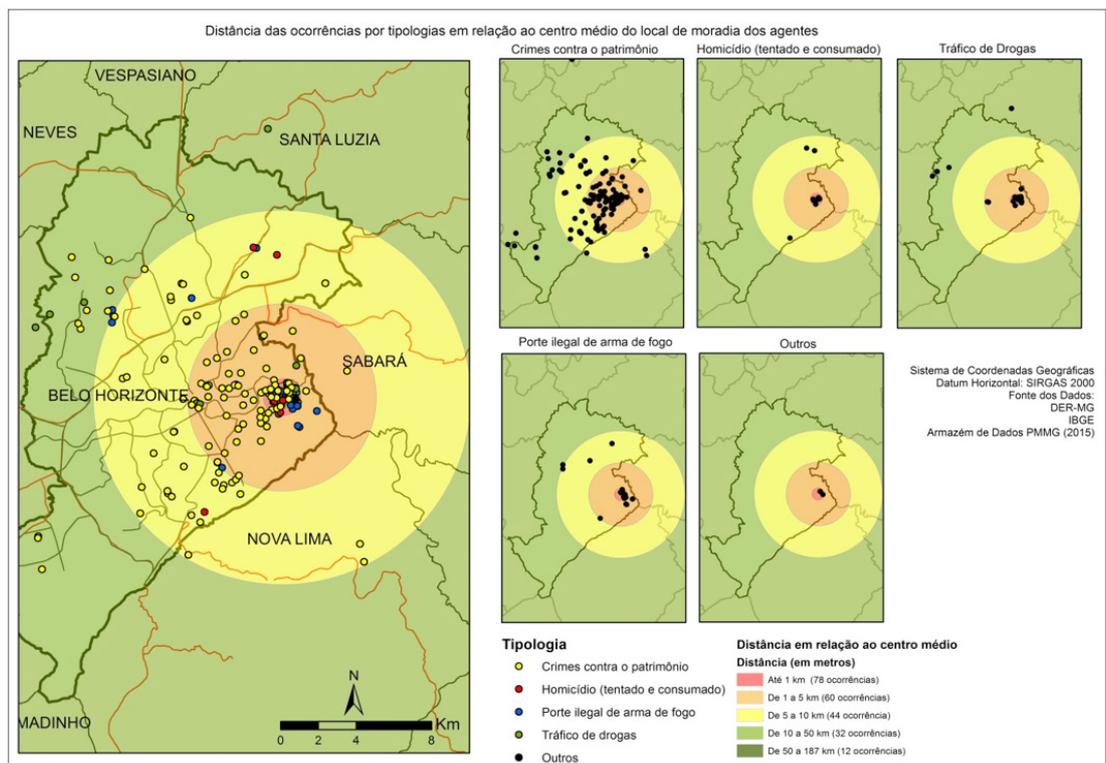


Figura 5: Distribuição espacial das tipologias de ocorrências em relação ao centro médio da moradia dos agentes.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Vê-se que os crimes contra o patrimônio dominam o cenário de atuação com 67% dos eventos e, especificamente o furto a residência (42% do total de registros) e o roubo a residência (11% do total de registros). Esses dados apresentam uma “especialização” do grupo de agentes, com predominância de crimes contra a propriedade direcionados a residência.

A concentração das ocorrências contra o patrimônio ocorreu na faixa de ação de 1 a 50 km com 115 eventos do total de 151, possuindo uma larga distribuição no espaço. Assim, não há uma delimitação espacial em relação a uma base específica, mas sim uma seletividade em relação a características do alvo.

A segunda modalidade mais presente, o tráfico de drogas, representa 20% do total de ocorrências, com concentração dos eventos, 36 de 45 (80%), na faixa de até 1 km do centro da gangue, apresentando um padrão que pode demonstrar o caráter de delimitação territorial para desenvolvimento da modalidade criminosa. Esse dado corrobora com a característica do crime, com disputa por mercado consumidor, e pode estar relacionado ao maior domínio do território pelos participantes da gangue, que moram nas proximidades dos locais de cometimento de crimes, o que permite maior vigilância e controle do território.

O porte ilegal de arma de fogo figura como terceira categoria mais presente, contando 8% do total de registros, sendo que a metade dos registros desta categoria se concentrou na primeira faixa de ação, o que sugere a necessidade da posse de arma de fogo para proteção da área de domínio territorial do grupo e que corrobora com a prevalência de eventos de tráfico de drogas já apresentados e também do homicídio as proximidades do centro médio da gangue (6 eventos de 9 ocorreram até 1 km). Esses dados também corroboram com a perspectiva apresentada por Sánchez-Jankowski (1997), em relação a terceira condição estrutural da violência em gangues, de necessidade de controle do território por meio da força física para domínio do mercado econômico em que atua a gangue (normalmente relacionados ao comércio de drogas).

O homicídio (tentado e consumado), crime de maior potencial ofensivo, considerando que a vida é a mais importante objetividade jurídica tutelada pelo Estado, contou com nove eventos, dos quais seis ocorreram na faixa de ação de até 1 km do centro médio da gangue. Os dados também contribuem para a análise da concentração dos crimes de porte ilegal de arma de fogo, também presentes predominantemente na mesma faixa de ação, e devem estar relacionados às disputas afetas ao comércio ilícito de drogas.

Pela distribuição dos eventos pode-se inferir que há dois territórios que definem o campo de ação da gangue estudada. O primeiro localiza-se na base do grupo, que representa o ponto de encontro e de partida, ou seja, o próprio bairro e aglomerado subnormal Alto Vera Cruz, onde os eventos criminais se configuram pela necessidade de disputa territorial pelo mercado consumidor (comércio de drogas) e está ao meio da residência dos próprios agentes, o que também pode influenciar o predomínio de

outras modalidades com destaque nas proximidades do centro gravitacional (posse ilegal de arma de fogo e homicídios), característicos de áreas de conflito e onde há necessidade maior controle. O segundo território está relacionado ao “mercado”, patrimônio, e se estende por todo o campo de ação da gangue, que se mostrou amplo e não delimitado.

Pela relevância do número de eventos relacionados ao patrimônio, pode-se qualificar a gangue como “especializada” em crimes de propriedade. Os eventos desta natureza ocorrem de maneira esparsa onde há oferta e não implicam, conforme a visão de Sánchez-Jankowski (1997) em zonas de conflito, típicas de ambientes onde há disputa para subjugar a concorrência.

6 | CONCLUSÕES

O artigo descreveu a distribuição espacial de indivíduos, as relações socioespaciais e ações delituosas de membros de uma gangue baseada em Belo Horizonte e com ação na capital e outros municípios mineiros.

A questão da territorialidade foi analisada a partir dos locais onde os indivíduos estão vinculados (residências) e nas áreas de atuação, ou territórios relacionados ao campo de ação.

Descreveu-se e buscou-se analisar aspectos clássicos tratados em trabalhos sobre gangues, vínculos entre os integrantes, atividades criminosas e territorialidade.

Quanto aos aspectos de territorialidade trazidos na literatura clássica que trata sobre o assunto, e sua correlação com a teoria que trabalha a questão das gangues, verificou-se que há um local de referência de vínculo e relações dos membros da gangue, o aglomerado Alto Vera Cruz e suas imediações, conforme distribuição espacial das residências em que se observou um maior adensamento de membros próximo ao centro médio, que por sua vez se localiza no bairro Alto Vera Cruz.

Já com relação à distribuição espacial dos eventos, verificou-se que há dois territórios bem distintos, um de domínio definido próximo ao centro do grupo e onde se destacam atividades de tráfico de drogas e do crime de homicídio, cuja explicação pode estar relacionada à necessidade de controle físico para supremacia da concorrência no mercado do comércio de entorpecentes, o que por sua vez é um fator gerador de violência; e outra de territorialidade do “mercado” que, pela característica de especialização da atividade desenvolvida, crimes contra a propriedade, não definem porções específicas, mas sim atributos dos locais de cometimento, numa rede de movimentos entre territórios.

A pesquisa abre novos caminhos para investigações sobre áreas de conflito entre componentes de gangues distintas, aplicação dos mesmos métodos em áreas distintas, a fim de se identificar se o fenômeno ocorre de maneira ubíqua.

REFERÊNCIAS

- ASBURY, Herbert. **Gangs of New York: an Informal History of the Underworld.** 1927.
- BEATO FILHO, Cláudio Chaves. O problema dos homicídios em Belo Horizonte. *In: Revista Brasileira Ciências Criminais*, v. 42, pp. 345-351. São Paulo, 2003.
- BEATO FILHO, Cláudio; ZILLI, Luís Felipe. A estruturação de atividades criminosas. Um estudo de caso. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 71-88, 2012.
- BEATO FILHO, Cláudio *et al.* Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, de 1995 a 1999. *In: Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 17 (5): 1163-1171, set-out, 2001.
- BRASIL. **Lei Nº 9.099, de 26 de setembro de 1995.** Alterada pela Lei Nº 11.313 de 28 de junho de 2006. Brasília: 2006.
- DINIZ, A. M. A.; BATELLA, W. B. Abordagens espaciais no estudo da criminalidade violenta nas cidades médias mineiras. *In: Simpósio Internacional sobre Cidades Médias*, Uberlândia. Anais, Uberlândia, p. 1-13, 2006.
- FELIX, Sueli Andruccioli. *In: Revista de Geografia.* São Paulo. Editora Unesp. V. 13, 1996.
- FELIX, Sueli Andruccioli. **Geografia do crime: interdisciplinaridade e relevâncias.** Marília: Unesp Publicações, 2002.
- HAESBART, R. Território e Multiterritorialidade. *In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA.* São Paulo, 2005. **Anais.** São Paulo: USP, 2005.
- KLEIN, Malcolm; MAXSON, Cheryl L. **Street gang patterns and policies.** New York: Oxford University Press, 2006.
- ROCHA, Rafael L. S. Uma análise das relações de rivalidade e pertencimento entre gangues juvenis em Belo Horizonte. *In: XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-alias Brasil.* 04 a 07 de setembro de 2012. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2012.
- SÁNCHEZ-JANKOWSKI, Martín. As gangues e a estrutura da sociedade norte-americana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 34, pp. 25-37, 1997.
- SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. *In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.* São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- SOUZA, M. L. O tráfico de drogas no Rio de Janeiro e seus efeitos negativos sobre o desenvolvimento sócio-espacial. *In: Cadernos IPPUR/UFRJ.* Ano VIII, n. 2/3. pp. 25-39. Rio de Janeiro, 1994.
- SOUZA, M. L. O narcotráfico no Rio de Janeiro, sua territorialidade e a dialética entre “ordem” e “desordem”. *In: Cadernos de Geociências*, n. 13. pp. 161-171. Rio de Janeiro: IBGE, 1995.
- SOUZA, M. L. As drogas e a “questão urbana” no Brasil. A dinâmica sócio-espacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos. *In: CASTRO, Iná et al. (orgs.). Brasil: questões atuais da reorganização do território.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- SOUZA, M. L. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. *In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.* São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SOUZA, M. L. Tráfico de drogas e fragmentação do tecido sociopolítico-espacial no Rio de Janeiro. *In: Latin America and Caribbean social science virtual library* – CLACSO. s/d. on-line. Disponível em: [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar /ar/libros/anpocs/marce.rtf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/marce.rtf). Acesso em: 04 Set. 2015.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Prefácio. *In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

VALVERDE, R. R. H. F. Transformação no conceito de território: competição e mobilidade na cidade. *GEOUSP – Espaço e Tempo*. São Paulo, nº 15, pp. 119-126, 2004.

ZILLI, Luís Felipe. **O bonde tá formado**: gangues, ambiente urbano e criminalidade violenta. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

ZORBAUGH, Harvey Warren. **The gold coast and the slum**. V. 227. Chicago: University of Chicago Press, 1929.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-79-6

